

*A cidade sou eu**

Rosane Azevedo de Araujo

“A cidade já não existe. Entretanto a noção de cidade sofre uma distorção sem precedentes, insistir em sua natureza primordial, seja através de desenhos, regras ou invenções, conduz irrevogavelmente da nostalgia à irrelevância (...) Para assegurar sua sobrevivência, o urbanismo terá que imaginar uma nova idéia do novo (...) *Temos que imaginar mil e um conceitos alternativos de cidade*, temos que correr riscos desproporcionados, temos que nos atrever a ser profundamente acríticos, devemos agüentar a adversidade e perdoar a direita e a esquerda”¹.

Rem Koolhaas

1. Introdução

Somos contemporâneos de grandes transformações decorrentes do desenvolvimento acelerado dos meios de comunicação, dos transportes, da informática, que abrangem as questões trazidas pelos novos campos da robótica, da computação quântica, da astrofísica, do tele-transporte, da nanotecnologia, da engenharia genética, da exploração espacial, das vidas artificiais, das cidades inteligentes, etc. Sua incidência é cada vez mais reconhecível em tudo que fazemos, em como fazemos, como pensamos, como vivemos, como cada um se relaciona com os outros, consigo mesmo e com o mundo. Todos os âmbitos da vida estão sob esta influência, o que vem redefinindo os conceitos², os hábitos, os padrões de comportamento e os modos de produção na sociedade. Como se não bastasse a ilusão de que parece a nós que sabemos que somos, mas não sabemos quem somos³, ser contemporâneos de nós mesmos implica necessariamente um salto conceitual na maneira como enxergamos e entendemos nossa espécie. Ora, dentro dessas ponderações é imperativo reconsiderar os conceitos de cidade, agora sob a égide de uma transformação de fronteira, entendida como aquela que modifica o pensamento.

Isto requer um exercício crítico permanente e arriscado. Primeiro, por nossa dificuldade extrema de abandonar valiosas crenças e articulações construídas a duras penas. Segundo, porque, como todo pensamento que é precursor de conhecimento novo, os dois resultados possíveis são igualmente perigosos: 1. o insucesso resultante do fracasso da tentativa, portanto não se chega a lugar algum; 2. o sucesso de se estabelecer uma nova referência para o conhecimento, e isto desagrade aos adeptos do conhecimento anterior. Em última instância, a questão que sustenta esta fronteira já foi muito bem apresentada por Nietzsche quando pergunta: Quanto de verdade suporta, quanto de verdade ousa um espírito?⁴

2. Antecedentes

O campo do urbanismo e a conceituação de cidade estão, portanto, em questão. A definição de cidade foi amplamente relativizada, vários conceitos foram apresentados, cada um como tentativa de melhor apreender as especificidades ocasionadas pela interação indissociável entre espaço, tecnologia e sociedade, e também de melhor incluir os novos atores, os novos tipos de relações sociais e os novos usos e funções que surgiram para a cidade. Dentro deste panorama podemos destacar algumas definições já consolidadas para a cidade contemporânea:

Cidade Informacional⁵ – É considerada a cidade da sociedade atual, tem como base as Novas Tecnologias da Informação e Comunicação e é constituída por dualismos: enorme potencial de produtividade e capacidade de destruição; proezas tecnológicas e misérias sociais de nosso tempo; centralização e metropolização das indústrias da informação e um processo de descentralização de atividades de serviço dentro de regiões, das áreas urbanas e das localizações dentro das áreas metropolitanas. Este processo binário de centralização e descentralização simultâneas, ambas associadas às mesmas dinâmicas sócio-econômicas, caracterizam a complexidade desta nova forma social e espacial que é a cidade informacional. Neste contexto temos o espaço de fluxos que caracteriza as redes de informação e funda uma lógica organizacional aespacial.

Videocidade⁶ – É considerada a Cidade sem portas, aquela em que se pode acessar através das telas das redes audiovisuais. O espaço urbano

perde sua realidade geopolítica em benefício único de sistemas instantâneos de deportação, cuja intensidade tecnológica perturba incessantemente as estruturas sociais e promove uma concentração “pós-urbana” e transnacional. Estaríamos passando da estética do aparecimento progressivo de uma imagem estável (analógica), onde formas e volumes eram constituídos por seu suporte material para a estética do desaparecimento de uma imagem instável (digital), cuja duração é a do “tempo de sensibilização” promovido pela interface com a tela, onde tudo se mostra na imediatez de uma transmissão instantânea. Neste contexto a distância-velocidade supera as distâncias de espaço e de tempo, e passamos a considerar um espaço-tempo tecnológico. Como consequência temos a dimensão física relativizada.

Metápole⁷ – É uma área onde os espaços que a compõem são heterogêneos, não necessariamente contíguos, formada por regiões urbanas que aglomeram cidades de todos os tamanhos, incluindo as zonas urbanas e as zonas rurais. Geralmente a totalidade ou parte dos habitantes, das atividades econômicas ou dos territórios está integrada ao funcionamento cotidiano de uma metrópole, compreendendo algumas centenas de milhares de habitantes e constituindo uma única bacia de emprego, de residência e atividades.

A metápole é um espaço de mobilidade, no qual as relações de proximidade são enfraquecidas, pois ela está conectada a múltiplas redes nacionais e internacionais e, por vezes, mantém com territórios distantes relações mais fortes e intensas do que com sua zona de entorno.

Megacidades⁸ – São aglomerações de grandes dimensões, com mais de dez milhões de pessoas, que concentram o essencial do dinamismo econômico, tecnológico, social e cultural dos países e que estão conectadas entre si numa escala global. Elas se estendem no espaço, formam nebulosas urbanas, e configuram os atuais centros nervosos do sistema mundial. São uma forma espacial que se desenvolve nos vários contextos geográficos e sociais da nova economia global e da sociedade informacional emergente. Muitas são nós da economia global e concentram as funções superiores direcionais, produtivas e administrativas de todo o planeta; outras não são centros influentes da economia global, mas também conectam enormes segmentos da população humana a esse sistema global. Também

têm como característica o fato de estarem física e socialmente conectadas com o globo e desconectadas do local.

Cidade Global⁹ – No centro da atual era econômica distinguem-se duas características: a integração dos sistemas e a dispersão geográfica das atividades econômicas. Esta situação contribuiu para o papel estratégico desempenhado pelas grandes cidades. Em vez de se tornarem obsoletas, elas concentraram funções de comando e foram acrescidas de outras duas funções: 1. são locais de produção pós-industrial para as principais indústrias desse período, para o setor financeiro e os serviços especializados; e 2. são mercados multinacionais, onde empresas e governos podem adquirir instrumentos financeiros e serviços especializados. As cidades Globais são centros do comércio mundial e atividades bancárias; pontos de comando na organização da economia mundial; lugares e mercados para indústrias de finanças e serviços especializados e lugares de produção para essas indústrias. Estas cidades são pontos de comando, mercados globais e locais de produção para a economia da informação. São os lugares-chave para os serviços avançados e para as telecomunicações necessárias à implementação e ao gerenciamento das operações econômicas globais.

Cidade de Controle¹⁰ – O filósofo Michel Hardt, ao comentar a passagem da sociedade disciplinar, como foi chamada por Michel Foucault, para a atual sociedade e o desmoronamento dos muros que definiam as instituições, afirma que “não há mais fora”, e que a nova sociedade funciona não por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea, sendo, portanto, necessariamente uma sociedade mundial de controle. O espaço público foi privatizado numa medida tal que não é mais possível compreender a organização social a partir da usual dialética espaços privados / espaços públicos, ou dentro / fora. O lugar da atividade política liberal moderna desapareceu, fazendo com que a sociedade pós-moderna venha se caracterizar por um déficit do político. O lugar da política foi desrealizado¹¹.

A descentralização e a dispersão global dos processos e lugares de produção geram a necessidade da administração e planejamento centralizados, da centralização do controle da produção. As cidades de controle administram e dirigem as redes globais de produção. É onde se localizam os serviços de produção especializados e os serviços financeiros.

Cidade Digital¹² – Cidade provida de cabo de fibra ótica que possibilita uma enorme velocidade na Internet, habitada pelos tele-trabalhadores e pelas tele-comunidades que usam informação e comunicação tecnológica para trabalhar e se comunicar a distância. Não pode ser definida pelos parâmetros convencionais administrativos ou geográficos comumente usados para identificar os limites físicos da cidade. É formada por um sistema de espaços virtuais interconectados pela expansão da supervia da informação. Podemos exemplificar com a intranet entre os empreendedores bancários, ou a discussão on-line interativa entre membros ligados ao meio-ambiente.

Cidade 24/7/365¹³ – O ambiente de vida nas cidades mundiais é frequentemente frenético, caracterizado pela constante atividade. Em cidades mundiais como Londres, as atividades sociais, culturais e econômicas acontecem 24 horas por dia, sete dias da semana, 365 dias por ano. Numa cidade como essa, não há horas *off*, nenhum dia fixo para descanso e não há turnos sazonais ou ciclos de utilização.

A Cidade Instantânea¹⁴ – A Cidade Instantânea é um termo usado para descrever o temporário encontro de pessoas em um lugar particular em um determinado momento, para um evento de interesse comum. Exemplos de cidades instantâneas incluem milhões de delegados que expõem para o Fórum do Mundo Econômico em Davos, Suíça, todos os anos, ou a concentração de milhares de pessoas no Rock In Rio, a “Cidade do Rock”.

Também podemos considerar aí um espaço tecnológico, que não é geográfico, mas um espaço de tempo. Por exemplo, a concentração no espaço de uma cidade ou de um estádio de futebol corresponde a uma concentração no tempo de transmissão. É uma cidade do instante em que um bilhão de pessoas estão reunidas. Cidades instantâneas têm tempo-limite e espaço-específico de acontecimento, estabelecidos através de variadas formas. Assim sendo, podem variar tremendamente, algumas podem ser exclusivas e insulares, e outras, inclusivas e abertas.

A Cidade Sustentável¹⁵ – Ela é considerada economicamente vibrante, socialmente justa e ecologicamente viável. O termo comumente inclui a noção de justiça, igualdade e requer que as demandas do presente sejam supridas sem comprometer as futuras gerações de suprirem suas próprias necessidades.

A noção de cidade sustentável é particularmente relacionada a esforços internacionais para promover o desenvolvimento sustentável, um conceito primeiramente popularizado pela Comissão de Brundtland, “Nosso futuro em comum (1987)” e a “Eco 1992”, no Rio de Janeiro.

A aplicação dos princípios de desenvolvimento sustentável para os segmentos humanos em geral, e para as comunidades urbanas em particular, tem sido liderada por vários programas de ação, como comunidades de saúde local ou campanhas de comunidades para a qualidade de vida e as iniciativas como Habitat e Agenda 21. Essas diversas iniciativas são freqüentemente agrupadas no termo genérico de desenvolvimento de “segmentos sustentáveis”.

Cidade da Distopia¹⁶ – Esta Cidade se refere ao lado negro da utopia. No contexto atual, referências a ela normalmente fazem alusão ao amontoado incontrolável de pobreza urbana, caos social, crime, poluição, sem-teto, mendicância e outras formas de privação. Seria equivalente ao submundo da Cidade Global, onde há sub-educação, sub-locação e sub-nível de vida e trabalho, aumentando as condições marginais em contraste com a fortuna crescente.

e-topia¹⁷– William Mitchell¹⁸ defende que os modelos urbanos familiares estão deixando de ser inevitáveis e que, em seu lugar, criaremos e-topias, cidades econômicas e ecológicas que funcionem de maneira mais inteligente. Seus princípios de desenho seguiriam cinco pontos básicos: 1. Desmaterialização: a substituição de um serviço físico por um virtual; 2. Desmobilização: em geral, mover bits é incomensuravelmente mais eficiente do que mover pessoas e mercadorias; 3. Personalização em massa: as máquinas inteligentes da era da informática podem oferecer economias muito distintas de adaptação inteligente e de personalização automatizada. 4. Funcionamento inteligente: colocando-se maior inteligência nos mecanismos e sistemas que necessitam deste recurso, o desperdício é reduzido; 5. Transformação suave: à medida que o século XXI evolui, existirá a oportunidade de criar bairros e cidades completamente novos, os quais se organizam para tirar proveito das novas oportunidades de desmaterialização, desmobilização, personalização em massa e funcionamento inteligente. A nova infra-estrutura é mais moderada e menos molestadora em seus efeitos físicos. Em muitos casos, poderá se integrar de forma quase invisível.

O espaço servido eletronicamente para o trabalho na informação não tem que estar concentrado em grandes áreas contíguas, como nas áreas industriais e comerciais das cidades atuais, e, ao contrário das instalações industriais, não afeta negativamente a qualidade das zonas de entorno.

3. Configuração

Em diversos autores contemporâneos, encontramos a preocupação com re-situar as cidades no novo contexto mundial. Rem Koolhaas, em seu artigo “O que aconteceu com o urbanismo?”¹⁹, diz que a noção de cidade sofreu uma distorção sem precedentes e fala da urbanização generalizada que modificou e tornou irreconhecível a condição urbana. Solà-Morales²⁰ situa nossa informação quando explica a cidade para além de seus prédios e arquiteturas, que mudaram radicalmente em relação aos tempos pré-industriais e da cidade grande baseada nos projetos de racionalização enquanto unidade produtiva. Como exemplo cita a enorme diferença das características entre a megalópolis, com que Jean Gottman se preocupava na década de 1960, e as cidades globais, de que Saskia Sassen trata nos anos 1990.

O tempo não é mais mensurável somente sob o ponto de vista histórico, cumulativo. Vivemos uma configuração temporal imbricada. Acrescente-se a este raciocínio que contração do espaço e do tempo depende da velocidade, que não é acessível para todos da mesma forma, de modo que o tempo não é igual para todos. Do mesmo modo, também o conceito de espaço se transformou. Utilizamos diariamente um espaço geométrico: o espaço de diversas práticas compartilhadas por cidadãos passa a estar também na eletrônica.

Se a cidade é também o local de troca, de comunicação, de interação, de moradia, de trabalho, ela agora está em qualquer lugar. Os espaços e suas funcionalidades estão disseminados por toda parte. Estar em casa pode significar estar no trabalho; estar na empresa pode significar estar na escola; estar na rua ou em viagem pode significar estar em conferência. Esta subversão dos espaços e esta multiplicação das possibilidades de conexão já constituem uma realidade.

Não causa estranheza, portanto, vermos as cidades definidas como “heterotópoli”²¹, locais onde se estabelecem conflitos e paradoxos, cujos cidadãos são sujeitos distintos, configurando o espaço da diferença que desestabiliza crenças universais que contribuiram para a organização cole-

tiva do espaço urbano. Deste modo, vemos uma ascendência da “política da diferença” sobre a “política da identidade”, e a consideração da “cidade do dissenso e da diferença”. Cidadania, além da identidade e reconhecimento de pertença a grupos, diz respeito a direitos sociais, econômicos, civis e culturais a serem reconhecidos e representados na esfera pública. É comum admitir que há uma generalizada crise de cidadania, entendida como uma não-identificação com o que está próximo e resultante dos diferentes modos de coabitação impostos pela heterogeneidade social.

Vivemos uma época de habitantes de entorno eletrônico. Nossas ações no espaço físico estão associadas a nossas ações no ciberespaço. As edificações estão incorporando sistemas nervosos artificiais, sensores, telas e equipamentos controlados por computador. Diversos sistemas eletrônicos têm um papel cada vez mais importante na resposta da necessidade de seus moradores. Os satélites de comunicação geoestacionários e os sistemas globais dos satélites LEO (*low earth orbit* – sistema que cobre a Terra uniformemente) cobrem grandes extensões de terra e mar, transformando a superfície do planeta em um lugar inteligente de cobertura total. Essa proliferação de espaços inteligentes produzirá um novo tipo de tecido urbano e reformará radicalmente nossas cidades²². Nosso futuro é, portanto, informacional-inteligente.

O espaço é um conceito que, como tal, é produzido de acordo com os sintomas de uma época. Ao longo da história do homem, este conceito se modifica e modifica a visão de mundo. A concepção de arquitetura e urbanismo está estreitamente vinculada à concepção de espaço.

O urbanismo é elaborado a partir de ferramentas/pensamentos universais que são aplicados à consideração da cidade. Na verdade, não há pensamento original no urbanismo, sendo que seus desenvolvimentos e suas aplicações são sempre, ou quase sempre, tributários de pensamentos de outros campos, como a filosofia, a sociologia, a antropologia, etc.. Para exemplificar, podemos citar Joseph Rykwert²³ quando afirma que os urbanistas se dividem em dois grupos: os “cronistas dos grandes movimentos da história” – aqueles que trabalham na linha de Hegel – de Karl Marx a Joseph Alois Schumpeter, até Francis Fukuyama e Jean Baudrillard; e os “paladinos do livre mercado”. Em cada autor, podemos em última instância localizar sua fonte de inspiração e doutrina. Mesmo aqueles “paladinos do livre mercado” conhecem muito bem suas fontes doutrinárias, provinda de alhures.

Seguindo este recorte, duas questões causam inquietação: quais pensamentos/ferramentas estão sendo produzidos sob a influência da mudança qualitativa a que nos referimos no início do texto, que possam ser aplicados à consideração da cidade? Quais as concepções de cidades já sob a égide dessa enorme transformação?

Lewis Mumford abre sua obra, hoje clássica, sobre *A cidade na história*, resumindo um percurso que começa com “uma cidade que era, simbolicamente, um mundo” e termina com “um mundo que se tornou (...) uma cidade”²⁴. Em sua análise do papel da cidade como “ímã, recipiente e transformador, na cultura”²⁵, ele prenunciava o que vemos ocorrer atualmente, para além da migração do homem para a cidade: “a disseminação da cultura urbana em todo o planeta”, independente de qualquer situação geográfica, cultural, econômica ou política. Muitos autores contemporâneos ratificam este percurso. Exemplificando, podemos citar Octavio Ianni quando afirma que, desde que o capitalismo se universaliza em fins do século XX, “verifica-se uma simultânea generalização do modo urbano de vida, da sociabilidade urbana, de padrões e valores culturais urbanos, (...) invadindo meios rurais, modos de vida agrários. (...) O mundo agrário se altera, modifica, dilui”²⁶.

Podemos fazer um recorte e considerar que, no mundo contemporâneo, ser urbano é ser conectado, não somente no sentido informacional, mas no sentido lato de todas as possibilidades e usos de conexões disponíveis. Ao invés de cidadão ou cidadão, nesse contexto é mais apropriado retomar o antigo conceito de Cosmopolita, “cidadão do mundo”. Os acontecimentos das trocas materiais, pessoais, mentais e financeiras, do estabelecimento dos vínculos sociais, da inserção social, política e econômica, se darão mediante a interface gerada pela disponibilidade mental, social, pessoal e dos equipamentos disponíveis. Como a cidade é o local destes acontecimentos, podemos dizer que ela estará onde o cosmopolita estiver. Urbanismo, neste caso, seria o Urbanismo²⁷ do século XXI, onde, não mais tendo como referência fronteiras ou limitações, estaríamos tratando como nossa cidade não só o mundo, mas também o universo conhecido e por conhecer.

Alguns autores, em diferentes campos do conhecimento, já apontam para esta direção. Por exemplo, o diretor do Instituto McLuhan de Tecnologia e professor da universidade de Toronto, Derrick de Kerckhove, afirma que, no contexto informacional que vivemos, a arquitetura e o pla-

nejamento urbano começarão a ser pensados em termos da acessibilidade de comunicação, e não em termos de infra-estruturas viárias e hídricas²⁸. Para dar sentido ao que quer dizer, ele produz uma nova terminologia e afirma que o trabalho do cyberteto²⁹ é criar caminhos confiáveis e ambientes proveitosos no cyberspaço e entre o cyberspaço e o espaço real³⁰. Podemos aí acrescentar que estamos então falando da cybertetura, que é a concepção de uma arquitetura em que as ferramentas e questões em jogo estão imersas no novo ambiente tecnológico e digital que estamos começando a habitar. Não é o mundo que está se globalizando, somos nós. A cibercultura implica “ver através” da matéria, do espaço e do tempo com nossas técnicas informacionais. Quando a tecnologia nos possibilita ter o acesso físico e deslocamento a distantes regiões, nesta situação estamos contidos na esfera global. Quando pensamos globalmente, nos comunicamos e fazemos trocas a partir do lugar que ocupamos, contemos a esfera global internamente, “contemos a Terra nas nossas mentes e redes”³¹.

4. Teoria

No Brasil, MD Magno é um psicanalista e pensador das questões da contemporaneidade, que reformulou o aparelho teórico-clínico da psicanálise na década de 1980, colocando-o em sintonia com a nova dinâmica informacional que então tinha início. Ele afirma que estamos vivendo um momento único da humanidade, em que os movimentos da cultura, a aceleração da tecnologia, dos meios de comunicação, e o desvigoramento das idéias supostamente fundamentadoras ao longo da história estão recompondo as vinculações individuais e coletivas. Segundo ele, estamos num momento de transição, entrando em um novo momento da humanidade, no qual a referência fundadora e determinante de nossas maquinações culturais será cada vez mais abstrata e generalizante³². Nessa perspectiva, as novas configurações urbanas, atravessadas pelas tecnologias avançadas, expressam um novo modo de gerir as informações e fluxos que a cidade produz. Neste momento de transição, de incertezas e quebras de fundamentos, a sociedade é tomada por um grande movimento oscilatório entre acelerar ou impedir as mudanças. Assim, muitas vezes tenta-se regredir para o tempo em que se acreditava nos fundamentos. Daí a explosão de recrudescências religiosas, de nacionalismos e de acirradas crenças étnicas em meio a um processo radical de mudança de comportamento e transformação na cultura.

Os conceitos utilizados até agora não são mais suficientes para traduzir as questões surgidas hoje. Queiramos nós ou não, o ponto de vista e as referências estão mudando. É preciso, portanto, situar as questões dentro da nova perspectiva que se instalou no mundo.

Segundo Manuel Castells³³, atualmente, estamos num estágio em que, após termos suplantado a natureza a ponto de nos obrigar a preservá-la artificialmente como uma forma cultural, a cultura passa a referir-se sobretudo à própria cultura. Neste sentido, após termos alcançado o nível de sabedoria e organização social que nos leva a viver um mundo predominantemente social, a história estaria começando, e não terminando como quiseram alguns autores do final do século XX. Estamos, sim, no início de uma nova era.

Podemos, portanto, especular que estamos imersos num contexto comparativamente novo de existência. Está por ser construída uma nova humanidade, que representará conseqüentemente uma nova sociedade e uma inédita concepção de cidade. Um novo mapeamento, provavelmente não mais geográfico, irá constituir as cidades e as bases de relacionamento e troca que nela ocorrerão.

O mundo mudou. Conseqüentemente estamos tentando dar significação às modificações que estão em curso. Para isto, é necessário utilizar novas ferramentas, assim proponho uma análise de conceitos que estudará o urbano não mais através das oposições entre cidade x campo ou urbano x rural, mas entendendo que podemos classificá-lo através do conceito de polarização. Isto significa que trabalharemos com as idéias de zona focal e de zona franjal (segundo MD Magno). Digamos que o pólo é urbano, seus graus variando de acordo com a localização mais ou menos próxima do foco. A franja definirá, de acordo com a distância do foco, os diferentes graus de urbanização (ver figura). Partindo deste princípio, e considerando que a cultura urbana se estabeleceu em todo o planeta, o máximo que podemos distinguir são os diferentes graus de urbanização que encontraremos nas situações/regiões que estudarmos.



Se estabelecermos que o pólo urbano será definido por diferentes e fortes conexões³⁴ entre formações, o grau de urbanização dependerá do grau de aproximação da zona focal dos pólos existentes. No contexto deste trabalho, este grau se refere ao conceito de Eu como Pessoa tal como trazido pela Nova Psicanálise³⁵, o qual não é necessariamente coincidente com o indivíduo. Portanto não é nem individual nem coletivo, nem sujeito nem objeto, e sim um conceito de Pessoa compatível com o conceito de Rede. Neste caso, Pessoa é uma malha de formações com foco e franja, composta de uma pletora de formações primárias³⁶, secundárias³⁷ e originárias³⁸ situadas não apenas no corpo de um indivíduo, mas em tudo que existe.

5. Conclusão

Neste sentido, cada Pessoa é a própria constituição que vai situá-la num certo grau de urbanização. E o grau de urbanização de uma Pessoa não coincide com o grau de urbanização do espaço geométrico o urbano que ela frequenta. Assim sendo, este espaço geométrico funciona como apenas mais uma de suas conexões. Seguindo este raciocínio podemos especular que, no conceito clássico de cidade afirmava-se que as cidades continham pessoas, agora podemos afirmar que o que temos é que as Pessoas são as cidades. Muda, portanto, a referência para o entendimento da cidade: a cidade (de) uma Pessoa não será igual à (de) nenhuma outra. Por mais semelhantes ou coincidentes que sejam em algumas formações, sempre dependerão da formação resultante de um conjunto enorme de formações, cada uma com seus vetores próprios. As pessoas podem sim compartilhar algumas ou várias formações: neste caso, podemos dizer são partes de pessoas que constituem cidades bastante semelhantes. A cidade (Pessoa) neste contexto é definida pelo conjunto de formações (materiais, geográficas, mentais, intelectuais, informacionais, históricas, etc.) que constituem a morada de uma cidadania. A cidade são as injunções de uma Pessoa. As conexões entre formações de cada uma é que recortam o mundo. Cada Pessoa constitui a cidade resultante de diferentes formações e articulações (financeiras, mentais, tecnológicas, sintomáticas, geográficas, etc.).

Esta via de entendimento³⁹ inclui e acolhe toda e qualquer Pessoa, a partir das suas diferenças intrínsecas. A tarefa é enorme, mas se nos propusermos a considerar a realidade como um fato, serão enormes

as considerações a serem desenvolvidas para pensarmos este novo conceito de cidade.

Assim, a cidade que EU sou – as conexões, a forma de olhar, os sintomas que filtram as informações que me constituem, o aproveitamento do espaço que eu produzo, minha condição material e a capacidade de otimização desta condição, etc., e toda a gama de articulações que faz parte da minha história específica – não é a cidade que você é.

Notas

* Os argumentos apresentados neste artigo estão sendo desenvolvidos em 2004, na minha tese de doutorado, no PROURB – Programa de Pós- Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. KOOLHAAS, Rem. In: OESTE, 2002: 2-7.
2. Conceito = representação mental de um objeto abstrato ou concreto, que se mostra como um instrumento fundamental do pensamento em sua tarefa de identificar, descrever e classificar os diferentes elementos e aspectos da realidade; noção abstrata contida nas palavras de uma língua para designar, de modo generalizado e, de certa forma estável, as propriedades e características de uma classe de seres, objetos ou entidades abstratas.
3. MAGNO, MD, 2004:153.
4. NIETZSCHE, Fragmentos Póstumos 16[32]primavera – verão de 1888
5. CASTELLS, Manuel, 1995.
6. VIRILIO, Paul, 1993.
7. ASCHER, François, 1998.
8. CASTELLS, Manuel, 1999a:428-435.
9. SASSEN, Saskia, 1998:16-36.
10. HARDT, Michael. NEGRI, Antonio, 2001: 318.
11. HARDT, Michael, 1996.
12. MITCHELL, William. Vivendi – Future of Cities, 2001:13.
13. Vivendi – Future of Cities, 2001:13.
14. Vivendi – Future of Cities, 2001:14.
15. Vivendi – Future of Cities, 2001:14-15.
16. Vivendi – Future of Cities, 2001:18.
17. MITCHELL, William, 2001:155-164.
18. Decano da Escola de Arquitetura e Planejamento Urbano do Massachusetts Institute of Technology, autor de vários livros e estudioso contemporâneo do assunto.
19. KOOLHAAS, Rem. In: OESTE. Cultivos Urbanos, 2002: 2-7.
20. SOLÀ-MORALES, Ignasi de, 2002: 79-105.
21. PALLAMIN, Vera M., A Cidade do Dissenso e da Diferença. PÓS-9: 26-34
22. MITCHELL, William, 2001:74-75.
23. RYKWERT, Joseph, 2004: 10-11
24. MUMFORD, Lewis, 1991: 3
25. MUMFORD, Lewis, 1991: 570
26. IANNI, Octavio, 1997: 80

27. Urbe = cidade; Orbe = globo, mundo, universo.
28. De Kerckhove, Derrick, 1997: 98-123.
29. Do mesmo modo que, etimologicamente, o termo arquiteto vem do grego *arche*, 'primeiro' ou 'origem', e *tékton*, 'carpinteiro' ou 'construtor', substituindo-se *arche* por *kyber*, 'leme', 'timão', 'governo', 'direção', mantém-se o elemento construtor, mas adiciona-se o novo campo da navegação interativa à função daquele que seria não mais o arquiteto, e sim o cyberteto.
30. De Kerckhove, Derrick, 2001: 70.
31. De Kerckhove, Derrick, 1997: 193
32. MAGNO, MD, 1999: 206.
33. CASTELLS, Manuel. 1999a: 505.
34. Neste trabalho, o termo conexão é entendido em sentido amplo: informacional, mental, cultural, político, sintomático, situacional, financeiro, intelectual, geográfico, ato ou efeito de conectar, ligação social, ligação profissional, ligação de interesses, ligação de amizades, acessos, sistema de comunicação e telecomunicação, meio de transporte, meio de comunicação, vínculo, o que une de um ponto a outro os diversos setores da vida de um indivíduo, etc.
35. Teoria criada em 1986, por MD Magno na linhagem de Freud e Lacan, é uma reedificação da psicanálise com base nos mais importantes achados desses dois mestres, que têm se mostrado à altura de orientar uma teoria compatível com a situação atual do mundo. Coaduna-se com as teorias científicas contemporâneas e freqüentemente demonstrou antecipá-las em diversos pontos cruciais.
36. Magno, MD, 2004: 91-101.
37. Magno, MD, 2004: 91-101.
38. Magno, MD, 2004: 91-101.
39. Baseada na Teoria da Nova Psicanálise

Referências bibliográficas

- ARGAN, G. C. Cidade ideal e cidade real. In: *História da arte como história da cidade*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1992.
- ARANTES, Otília. Da cidade como lugar à cidade como não-lugar. In: MACHADO, Denise B. Pinheiro. VASCONCELLOS, Eduardo Mendes de. (orgs) *Cidade e imaginação*. Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 1996.
- ASCHER, François. [1995] *Metápolis; acerca do futuro da cidade*. Trad.: Álvaro Domingues. Oeiras: Celta Editora, 1998.
- _____. [2000] *Événements nos dépassent, feignons d'en être les organisateurs; essai sur la société contemporaine*. La Tour d'Aigues: L'Aube, 2000.
- CALVINO, Italo. [1972] *As cidades invisíveis*. Trad.: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CASTELLS, Manuel. [1972] *A questão urbana*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- _____. [1989] *La ciudad informacional; tecnologías de la información, reestructuración económica y el proceso urbano-regional*. Trad.: Raúl Quintana Muñoz. Madrid: Alianza Editorial, 1995.

- _____. A sociedade em rede. [1996] In: *A era da informação: economia, sociedade e cultura* – vol. I. Trad.: Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999a.
- _____. [1996] O poder da identidade. In: *A era da informação: economia, sociedade e cultura* – vol. II. Trad.: Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999b.
- _____. [1997] Fim de milênio. In: *A era da informação: economia, sociedade e cultura* – vol. III. Trad.: Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999c.
- OESTE. *Revista de arquitetura, urbanismo, arte e pensamento contemporâneos*. N.15: Cultivos Urbanos. Madri, 2002.
- DEBORD, Guy. [1967-1988] *A sociedade do espetáculo; comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Trad.: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles. [1972-1990] *Conversações*. Rio de Janeiro: editora 34, 1992.
- FORRESTER, Viviane. [1996] *O horror econômico*. Trad.: Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 1997.
- FOUCAULT, Michel. [1993] Espaço e poder. In: *CIDADE: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* n. 23. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994, pp. 138-145.
- GUATTARI, Felix. [1989] *As três ecologias*. Trad.: Maria Cristina F. Bittencourt. Rev. trad.: Suely Rolnik. São Paulo: Papirus Editora, 1990.
- _____. [1990-1992] *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: editora 34, 1993.
- HARDT, Michael. [1996] La société mondiale de contrôle. In: *Gilles Deleuze. Une vie philosophique*. Paris: Institut Sintelabo, 1996, pp. 359-375.
- HARDT, Michael. NEGRI, Antonio. [2000] *Império*. Trad.: Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HOBSBAWM, Eric. [1994] *Era dos extremos; O breve século xx (1914-1991)*. Trad.: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IANNI, Octavio. [1996] *A era do globalismo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- KERCKHOVE, Derrick de. [1995] *A pele da cultura; uma investigação sobre a nova realidade eletrônica*. Trad.: Luís Soares e Catarina Carvalho. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.
- _____. *The Architecture of Intelligence*. Basel/Suíça: Birkhäuser – Publishers for Architecture, 2000.

- KOOLHAAS, Rem. In: OESTE. Cultivos Urbanos, 2002: 2-7
- LERUP, Lars. *New Babylons: Urbanism at the End of the Millenium*. Assemblage 25, Massachusetts Institute of Technology.
- LÉVY, Pierre. [1990] *As tecnologias da inteligência; o futuro do pensamento na era da informática*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- _____. *Cibercultura*. Trad.: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MACHADO, Denise B. Pinheiro. VASCONCELLOS, Eduardo Mendes de. (orgs) *Cidade e imaginação*. Rio de Janeiro: PROURB/FAU/UFRJ, 1996.
- MAGNO, MD. [1979] *O pato lógico*. Rio de Janeiro: aoutra Editora, 1986.
- _____. [1983] *Ordem e progresso – Por dom e regresso*. Rio de Janeiro: aoutra Editora, 1987.
- _____. [1987] *O sexo dos anjos – a sexualidade humana em psicanálise*. Rio de Janeiro: aoutra Editora, 1988.
- _____. [1988] *De mystério Magno*. Rio de Janeiro: aoutra Editora, 1990.
- _____. [1992] *Pedagogia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.
- _____. [1998] *A psicanálise, NOVAMENTE*. In: DANTAS, Rosane Araújo. ALONSO, Aristides (orgs.). *Pensamento original made in Brazil*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor/...etc./Finep, 1999.
- _____. [1990] *Arte e fato. A Nova Psicanálise – Da arte total à clínica geral*. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2000.
- _____. [1995] *Arte e psicanálise*. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2000.
- _____. [1996] *Psychopatia sexualis*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2000.
- _____. [1999] *A psicanálise, NOVAMENTE*. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2004.
- _____. [2001] *Revirão 2000/2001*. Rio de Janeiro: Novamente Editora, 2003.
- METROPOLE CONSULTANTS / PLANNING ALLIANCE. *Vivendi; Future of cities*. Toronto: The McLuhan Program in Culture and Technology / University of Toronto, março 2001.
- MILAN, Betty (org.). *O século*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- MITCHELL, William J. [1999] *e-topía “vida urbana, Jim, pero no la que nosotros conocemos”*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

- MUMFORD, Lewis. [1961] *A cidade na história; suas origens, transformações e perspectivas*. 3.ed. Trad.: Neil R. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. Trad.: Sérgio Tellaroli. Sup. trad.: Ricardo Rangel. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- PALLAMIN, Vera M. A Cidade do Dissenso e da Diferença. PÓS-9: 26-34 PÓS. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*. Junho 2001, n. 9.
- RYKWERT, Joseph. *A sedução do lugar – A história e o futuro da cidade*. Martins Fontes. São Paulo. 2004.
- ROSSI, Aldo. [1966] *A arquitetura da cidade*. Trad.: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SANTOS, Milton. [2000] *Por outra globalização; do pensamento único à consciência universal*. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SASSEN, Saskia. [1994] *As cidades na economia mundial*. Trad.: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel, 1998.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Presente y futuros. La arquitectura en las ciudades. In: *Presente y Futuros; arquitectura en las ciudades*. (Incog.) pp. 10-23.
- _____. *Territórios*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- _____. *Diferencias. Topografía de la arquitectura contemporânea*. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.
- STRATHERN, Paul. *Uma breve história da economia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- TEYSSOT, Georges. Hábitos / Habitus / Habitat. futuros. In: *Presente y Futuros; arquitectura en las ciudades*. (Incog.) pp. 114-127.
- VIRILIO, Paul. [1977] *Velocidade e política*. Trad.: Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- _____. [1980] *Esthétique de la disparition*. Paris: Galilée, 1989. Col. Livre de Poche/Essais n. 4.202
- _____. [1984-1993] *O espaço crítico; e as perspectivas em tempo real*. Ed. revista e aumentada pelo autor. Trad.: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- _____. [1988] *A máquina de visão*. Trad.: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- _____. [1993] *A arte do motor*. Trad.: Paulo Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- _____. [1997] A cidade. In: MILAN, Betty (org.). *O século*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VIRILIO, Paul. LOTRINGER, Sylvere. [1983] *Guerra pura; a militarização do cotidiano*. Trad.: Elza Miné e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Resumo

A disseminação global dos efeitos das transformações decorrentes do desenvolvimento acelerado dos meios de comunicação, dos transportes e da informática vem exigindo uma redefinição do campo do urbanismo e do conceito de cidade. Redefinição esta que deve ser capaz de abranger a nova interação entre espaço, tecnologia e sociedade, e também a ação de novos atores, tipos de relações sociais e usos e funções da cidade. Ser urbano, hoje, é ser conectado às possibilidades abertas pelas trocas materiais, pessoais e mentais mediadas por interfaces e dispositivos tecnológicos que se renovam a cada dia. A cidade como local destes acontecimentos não mais se deixa circunscrever a fronteiras geográficas, mas se desloca conforme os movimentos globais do cidadão (considerado como cosmopolita). Este artigo busca explorar a idéia de que as cidades não podem mais ser definidas como lugares com pessoas dentro. Atualmente, as pessoas são cidades.

Palavras-chave

Urbanismo, cidade, tecnologia, polarização, pessoa.

Abstract

The global dissemination of the effects of transformations due to the accelerated development of communication media, transportation and informatics demands a redefinition of Urbanism and the conception of City. Redefinition which must be able to include the new interaction between space, technology and society, and also the action of new actors, types of social relationships and uses of the city's functions. Being urban today means to be connected to the possibilities of material, personal and mental exchanges through interfaces and technological devices which are constantly renewed. The city as a locus of these events is no longer locked up inside geographical boundaries, but changes according to the global movements of its citizens (considered as cosmopolitans). The present paper aims to inquire into the idea that cities cannot continue to be defined as places with persons inside. Nowadays, each person is the city.

Key-words

Urbanism, city, technology, polarization, person